

Artigo



## JACARÉ É BRAVO, MAS NÃO É DE AÇO: EXPERIÊNCIAS OPERÁRIAS EM VOLTA REDONDA E NA ZONA NORTE DO RIO DE JANEIRO\*

Cristiane Muniz Thiago\*\*

Sérgio Martins Pereira\*\*\*

**Resumo:**

Este trabalho tem como foco a história de trabalhadores e militantes de duas importantes áreas industriais do Rio de Janeiro: o Jacaré, bairro operário da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, e Volta Redonda, cidade operária e sede da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Durante a década de 1990, mudanças econômicas e políticas traduziam-se também em disputas sindicais, falências e privatizações que marcariam a experiência daqueles que vivenciaram tal conturbado período nestes espaços operários.

**Palavras-chave:** trabalhadores; sindicalismo; Rio de Janeiro

**Abstract:**

This work focus on the history of workers and militants from two important industrial areas of Rio de Janeiro: the industrial district of *Jacaré*, northern zone of Rio de Janeiro city, and *Volta Redonda*, company-town of *Companhia Siderúrgica Nacional* – CSN (National Steel Company). During the 1990s, economical and political changes also meant union disputes, bankruptcies and privatizations which shaped the histories of people who experienced this period in those working-class districts.

**Keywords:** workers; unionism; Rio de Janeiro

\* Uma discussão preliminar sobre o tema encontra-se nos anais do III Simpósio Nacional de História Cultural – *Mundos da Imagem: do Texto ao Visual*, realizado em setembro de 2006 na Universidade Federal de Santa Catarina.

\*\* Mestre em Memória Social pelo Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Doutoranda em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

\*\*\* Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Professor Adjunto do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

HISTÓRIA SOCIAL	Campinas – SP	Nº 14/15	325–343	2008
-----------------	---------------	----------	---------	------

## **Introdução**

Este trabalho tem como foco a história de trabalhadores e militantes de duas importantes áreas industriais do Rio de Janeiro: o Jacaré, bairro operário da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, e Volta Redonda, cidade operária e sede da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Durante a década de 1990, mudanças econômicas e políticas traduziam-se também em disputas sindicais, falências e privatizações que marcariam a experiência daqueles que vivenciaram tal conturbado período nestes espaços operários.

Para além dos constrangimentos trazidos por este período,

1. que outros elementos políticos e societários (relações e instituições sociais, disputas políticas etc.) atuaram na construção das trajetórias destas duas regiões industriais?

2. de que modo estas diferentes experiências operárias viriam a influenciar as respostas dadas pelos trabalhadores à conjuntura dos anos 1990?

A partir das narrativas de trabalhadores e de suas lideranças, observamos de que forma as disputas que se colocam até hoje nestes dois espaços operários geram particulares conexões entre passado e presente, articulando experiências individuais e coletivas.

## **Década de 1990, crise da indústria**

Os anos 1990 inauguraram uma nova era para as relações entre a indústria brasileira e a economia internacional. Por detrás desta relação de mercado, observamos a transformação do arranjo Estado-empresas-trabalhadores construído no país desde a Era Vargas. O plano de estabilização e controle inflacionário implementado pelo Governo Collor (1990-1992) teve, entre seus pilares de sustentação, a abertura da economia, sobretudo através da eliminação de barreiras tarifárias, e o processo de desestatização. Ao reduzir

as alíquotas de importação, a chamada política de *abertura econômica* impôs a necessidade de reestruturação a grande parte do setor industrial, deixado de forma abrupta à competição direta do mercado internacional.

Ainda que não obedecem a *critérios que pudessem ser considerados como parte de uma política industrial consistente e conseqüente* (DIEESE, 2005), os desdobramentos do *Plano Collor* tornaram-se o ponto de partida para o perfil que a indústria brasileira assumiria ao longo dos anos 1990.

Ao passo que as demissões e a perda de conquistas das décadas anteriores seriam agora justificadas como conseqüências “inevitáveis” dos processos de abertura e reestruturação, os trabalhadores viram-se diante da ameaça do desemprego e do enfraquecimento dos sindicatos.

### **Duas faces**

Vejamos agora como em dois casos particulares trabalhadores e sindicalistas experimentaram os anos 1990. O Jacaré, bairro industrial da cidade do Rio de Janeiro, mostra um pouco das conseqüências da política de abertura para o setor privado da indústria. Fechamentos, vendas e fusões: estes foram os custos da reestruturação em nome do aumento de produtividade exigido pelos novos parâmetros (internacionais) de competitividade. Em Volta Redonda, cidade onde ocorreu a escolha da siderurgia como setor estratégico para inaugurar a era das privatizações no governo Collor, o impacto dos anos 1990 fez-se sentir não só pelos trabalhadores, desempregados e sindicalistas, mas por grande parte de seus moradores.

### **Jacaré, o bravo**

Por conta do desenvolvimento industrial ocorrido na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, a partir da primeira metade do século XX, o bairro do Jacaré

destaca-se no cenário da produção industrial carioca.<sup>1</sup> A maior parte da mão-de-obra das fábricas instaladas na região irá constituir o contingente populacional do Jacarezinho, grande favela que se forma no bairro nesse mesmo período. A partir da constituição dessa favela e do desenvolvimento de práticas organizativas de seus moradores, teremos um espaço de reivindicações tanto nas questões relativas ao trabalho quanto no plano do desenvolvimento urbano. A aglomeração de trabalhadores acaba por desenvolver um forte movimento operário que girava em torno dos sindicatos e outras instituições de classe, mas que também envolvia todo o bairro. A junção dessas práticas organizativas à ação sindical e às organizações de bairro dava a especificidade desse cenário.

Ao consideramos o espaço como parte fundamental da análise histórica, temos que destacar sua importância na construção das redes de sociabilidade articulando diferentes atores e movimentos na mesma direção (SAVAGE, 2004). Para além da fábrica, o bairro se torna um importante ambiente que amplia e consolida as relações entre os operários. A identidade desse grupo é assegurada não apenas por sua experiência de classe, tendo a identificação com o bairro como um importante paralelo. O local de moradia e de trabalho da maioria dos operários do complexo industrial do Jacaré é o mesmo, tendo tal espaço para eles um significado bem amplo. É, portanto, imprescindível para o presente trabalho uma maior sensibilidade espacial. Como veremos mais adiante, no caso de Volta Redonda, o espaço da cidade também constituirá contornos singulares para os operários da CSN.

---

<sup>1</sup> O complexo industrial do Jacaré ocupava cerca de 15 ruas do bairro e tinha uma enorme diversidade na sua produção. Era possível encontrarmos no complexo: indústrias de sapatos e bolsas, de materiais farmacêuticos, de vidros, de roupas, fábricas de café, gráficas, entre outras. No entanto, a indústria metalúrgica se destacava nesse espaço pelo número de fábricas e pela atuação do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro (THIAGO, 2007).

### **Anos 1990, o bairro desfalece**

Os anos 1990 marcam o fechamento da maioria das indústrias do complexo industrial do Jacaré, provocando uma considerável redução do número de empregados. Para os sindicatos, a década de 1990 representa ainda uma grande mudança da pauta sindical.

No complexo do Jacaré, várias situações elucidam a conjuntura de crise que o país vivia na década de 1990. Um bom exemplo é o caso dos trabalhadores das indústrias de vidro. Em 1984, o Sindicato dos Vidreiros se transferiu da Praça da Bandeira para o Jacaré, levando em conta o número de sócios na região, sobretudo os trabalhadores da indústria de vidro Cisper. Através da fala de um funcionário do Sindicato dos Vidreiros, podemos ter idéia da importância que teve o Jacaré para esta categoria.

O seu João[Gomes]<sup>2</sup> foi presidente aqui do sindicato durante dezesseis anos. Ele era funcionário da Cisper e o sonho dele era trazer o sindicato pra próximo da Cisper, não porque ele era empregado da Cisper, porque a Cisper ela tinha a metade do quadro social. Então a categoria na época que fez esse projeto, foi em 77, fizeram esse projeto de trazer o sindicato pra qui pro Jacaré, na época a Cisper tinha dois mil funcionários, dos quais mil eram sindicalizados e o sindicato tinha mais cerca de mil associados nas outras empresas todas.<sup>3</sup>

Com a redução do número de indústrias de vidro no bairro nos anos 1990, o sindicato considera a possibilidade de sair do Jacaré. A unidade da Cisper no Jacaré, por exemplo, tinha na década de 1980 cerca de 2 mil

---

<sup>2</sup> João Gomes, ou João Vidreiro como também era conhecido, é um bom exemplo da interlocução entre o Jacarezinho e o movimento operário. Um dos fundadores e presidente da Associação de Moradores do Jacarezinho João Gomes foi um dos principais responsáveis pela transferência do Sindicato dos Vidreiros para o Jacaré.

<sup>3</sup> Funcionário do Sindicato dos Vidreiros, Agosto de 2005.

empregados, mas do que ela reuniu no final dos anos 1990 em cinco fábricas espalhadas pelo país.<sup>4</sup> O reflexo dessa transformação sobre a vida política-organizativa dos trabalhadores é imediato. Esse fenômeno do desemprego e da perda da ação política de alguns sindicatos também pode ser observado em outras categorias no bairro do Jacaré.

De acordo com dados do Sindicato de Metalúrgicos do Rio de Janeiro, nos anos 70, no Jacarezinho, existiam 15 pequenas metalúrgicas e mais de outras 50 grandes empresas do setor. Dessas 65 indústrias, apenas 27 continuam funcionando no bairro.<sup>5</sup> Um dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos e morador do Jacarezinho por mais de 40 anos nos fornece o panorama das transformações no bairro:

... não existem muitas empresas, não existem mais no Jacaré, poucas hoje né. Eu posso te dar o exemplo de grandes empresas que não existem mais hoje no Jacaré, as chamadas falidas... E também uma grande indústria de parafusos, chamada Parafusos Águia, é ali no bairro do Jacaré, ela também comportava ali uma média de 600 a 700 trabalhadores, também de carteira assinada, em turnos diurnos e noturnos né, era 24 horas. E sem contar também com a desvalorização do local, ajudou muito a enfraquecer o setor produtivo no Jacaré. Então é por isso que hoje a gente denomina, os grandes jornalistas que fazem a matéria do passado do Jacaré, eles denominam de cemitério de empresas, não existe mais, só existe hoje espaço físico, hoje tomada pela prefeitura para a construção de residências e outros ficaram mesmo, viram invasão, se tornaram favelas, espaços físicos enormes e com isso se tornaram moradias.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> A empresa é fundada em 1917 no Rio de Janeiro, com capital nacional. Em 1962, associa-se à norte americana Owens Illinois, o grupo fundador passa a deter 20% do controle acionário. (PADILHA, 1998).

<sup>5</sup> Relatório do Programa de Desenvolvimento Local. O PDEL foi realizado pelo Serviço de Estudos e Realização Empresarial Social (SERE), uma entidade alemã que dá assistência a comunidades carentes em países como o Brasil.

<sup>6</sup> Dirigente sindical dos metalúrgicos e ex-morador do Jacarezinho, Outubro de 2005.

Esse processo faz com que o sindicato se depare com uma nova realidade. Sua pauta está mudando, assim como o perfil desses trabalhadores membros dessa instituição. Nesse contexto, surge uma demanda da sociedade de que o sindicalismo dê conta dos problemas de uma conjuntura bem maior (RAMALHO e SANTANA, 2001). Se por um lado podemos problematizar o papel do sindicato frente ao desemprego, por exemplo, temos também que ter em questão que não pode caber apenas a essa instituição amortizar todo o impacto “negativo” de mais de uma década sobre os trabalhadores.

Na fala abaixo podemos ter a visão dos trabalhadores sobre a atuação dos sindicatos na época do fechamento das fábricas. A crítica a seguir não deixa dúvida sobre a decepção gerada em torno dessa instituição.

Isso foi triste!... E tem uma coisa engraçada, tem duas coisas que eu ficava muito observando indignado, que a falência dessas fábricas ela não foi assistida nem pelo movimento sindical, nem pelos empresários, nem pelo governo né, não deram a mínima importância né.<sup>7</sup>

No entanto, a identidade deste grupo também é assegurada por elos de ligação com os movimentos políticos-partidários e com o movimento comunitário.

Porque aqui tinha o MR8... tinha o PT né, um grupo que estava, que estava no MDB né, mas estava no processo de formação do PT, que estava próximo ao PT né, que era a fundação do PT, tinha... que era muito forte esse grupo tinha uns quarenta.<sup>8</sup>

Na década de 1980, o Partido dos Trabalhadores (PT) reunia um grande grupo de militantes do Jacarezinho. Apesar das mudanças ocorridas na participação do partido no bairro, ainda hoje o núcleo do PT é referência na agremiação de moradores em torno de uma discussão política, sendo um dos

---

<sup>7</sup> Ex-dirigente sindical metalúrgico e morador do Jacarezinho. Agosto de 2003.

<sup>8</sup> Idem.

importantes espaços de sociabilidade no bairro. Além do PT, podemos citar a participação dos moradores em outros partidos políticos, como o PC do B e o PDT, na Associação de Moradores, nas igrejas do bairro, seja na Igreja Católica, instituição de longa tradição no bairro, ou nas diversas igrejas evangélicas. Esses espaços também representam um *locus* de sociabilidade e mobilização no Jacaré.

Se analisarmos a trajetória do bairro, iremos perceber como a influência sindical sempre esteve presente nos diversos espaços de sociabilidade no bairro, táticas comuns a disputa entre patrão e empregado eram estendidas ao processo de reivindicações comunitárias na disputa entre morador e Estado por questões como a urbanização da favela. Como veremos a seguir, Volta Redonda é uma cidade privilegiada para pensarmos essa interlocução entre o movimento sindical e as demais esferas da vida político-organizativa dos trabalhadores.

### **Volta Redonda: forjando aço, trabalhadores e militantes**

Volta Redonda foi a cidade construída pelo Estado brasileiro a partir de 1941 para abrigar a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Além de o setor siderúrgico ser parte fundamental para a política desenvolvimentista do primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945), Volta Redonda constituía-se como um modelo (exemplar) de relações de trabalho, motivo de atração para muitos trabalhadores entre os anos 1940 e 1960, mas também como um padrão de controle da mão-de-obra estimulado pelo governo e adotado por empresários de todo o país.

Meu pai trabalhou numa fazenda, a Santa Cecília. O dono dela era um Alemão e ele foi trabalhar para esse Alemão. (...) O Getúlio para ele era muito importante, não só para ele, mas para todos os operários daquela época. Ele dizia o seguinte: quem tirou ele das mãos dos fazendeiros foi

o Dr. Getúlio. (...) De amansador de cavalos a operário da CSN, o cidadão da CSN. Lá em casa tem a foto dele de paletó bonito com a gente lá em Aparecida do Norte ao lado de um carro preto bonito... olha a mudança do cara, não é?<sup>9</sup>

Controle para a empresa, atrativo para muitos trabalhadores, as casas construídas pela CSN distinguiam-se por diferentes padrões de conforto, serviços e lazer de acordo com os níveis hierárquicos de sua força de trabalho. Além disso, a cidade foi organizada em distintos bairros destinados a operários (*Conforto*), técnicos (*Vila Santa Cecília*) e engenheiros (*Laranjal*). Outra característica peculiar desta “cidade operária” seria a sua localização estratégica em uma área considerada de “segurança nacional” e consideravelmente militarizada.<sup>10</sup> Além disso, os próprios bairros operários também se tornaram moradia de militares, observando as hierarquias que organizavam o espaço da cidade.

Porque a Vila aqui era casa da companhia, Conforto e Vila. Tinha a Vila de oficiais, que era a rua 18 e a rua 16..., e as ruas 13 e 15 que eram onde moravam os sargentos. Os sargentos moravam no Conforto, ali no início, ali perto da Vila, perto do escritório central e os oficiais moravam na Vila, ali perto da Telerj. Eles vinham de outros lugares e moravam aqui. Porque o 22º existia por causa da companhia e as casas aqui pertenciam, a maioria, pertenciam tudo a companhia... e a companhia cedia a casa para eles morar.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Luiz de Oliveira Rodrigues, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (1992-1996), julho de 2004.

<sup>10</sup> A região Sul Fluminense abriga até hoje a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em Resende. Já o 22º. Batalhão de Infantaria Blindada do Exército (BIB), em Barra Mansa, encerrou suas operações nos anos 1990, fato comumente relacionado por trabalhadores, sindicalistas e moradores de Volta Redonda à privatização da CSN.

<sup>11</sup> Trabalhador da CSN, Dezembro de 2005.

Desde o princípio, porém, o controle interno e externo imposto pela companhia, embora por muito tempo dominante, não se apresentou como única ou absoluta forma de construção de identidades dos trabalhadores e moradores da “Cidade do Aço”. Em Volta Redonda, a ajuda de amigo ou parente ocupante de posições superiores na CSN possibilitava a muitos dos membros das classes inferiores, não só o emprego na companhia, como também a moradia e o trânsito pelos bairros e espaços de lazer das classes superiores (LASK, 1991). Além disso, o fato de a companhia ter sido responsável pelos serviços públicos da cidade, como conservação e limpeza das ruas, transporte, lazer, segurança, hospitais, bombeiros etc., fez com que os trabalhadores da CSN, capitaneados pelo Sindicato dos Metalúrgicos, desenvolvessem uma cultura de reivindicação que se estendia para além das relações de trabalho (MOREL, 1989).

Ao longo dos anos 1970 e 1980, observou-se em Volta Redonda uma forte articulação entre as forças políticas e sociais (partidos, Igreja Católica, Associações de Moradores) que protestavam mais ativamente contra o regime militar. Esta aglutinação entre movimentos sociais foi consideravelmente liderada pela Igreja Católica de orientação progressista cujo principal expoente em Volta Redonda foi D. Waldyr Calheiros.<sup>12</sup>

A trajetória de Vagner Barcelos, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (SMVR) entre 1989 e 1992 assemelha-se a de outros “filhos de Volta Redonda” que tiveram sua formação profissional e política sob a influência das instituições atuantes na Cidade do Aço.

A minha trajetória é uma trajetória de filho de Volta Redonda. Eu e o meu irmão, nos formamos técnicos na escola da CSN. Naquela época tinha emprego garantido quem se formava técnico, e fomos trabalhar na CSN. Nessa trajetória tem que ter um paralelo... minha mãe, minha família, tinha um forte engajamento na igreja, na Igreja Católica. (...) logo depois, eu

---

<sup>12</sup> Cf. COSTA, PANDOLFI e SERBIN (org.), 2001.

também optei por estudar para padre, aos 17 anos eu comecei a estudar. Era um seminário aqui, um seminário criado aqui na diocese para padres operários. A gente trabalhava e estudava. Paralelo a isso também, a gente já começou em 76, em 76 nós fundamos a oposição sindical... Mas como a repressão era muito grande, a oposição era um negócio tipo organização de movimento esquerda daquela época: um negócio fechado, clandestino mesmo, os nomes escondidos (...) Aí nasce a oposição sindical, reforça até 80 quando a gente disputa a eleição com o Juarez na cabeça da chapa. Mas aí já é uma outra fase já, de uma forte atuação da oposição sindical.<sup>13</sup>

A partir de 1983, com a vitória da oposição sindical no SMVR, a história de Volta Redonda passa a ser marcada pelas greves e pelas intervenções militares na CSN. O auge desta tensão entre o Governo e os trabalhadores seria atingido na greve de 1988 quando três trabalhadores foram mortos pelo exército durante a greve de ocupação da Usina Presidente Vargas (CSN). Sob o impacto destes acontecimentos, ainda em novembro do mesmo ano, Juarez Antunes, presidente licenciado do SMVR e deputado federal, seria eleito prefeito de Volta Redonda. O sindicalista, entretanto, morre num acidente de automóvel pouco mais de um mês após tomar posse.<sup>14</sup> Para além da ascensão do sindicalismo como força política, as mais de 10 greves ocorridas na CSN entre 1984 e 1991 trariam outros desdobramentos, marcando também o início de uma divisão do movimento sindical e social em Volta Redonda.

Em função da repercussão dessa greve [1988] também, vários diretores do sindicato se elegeram vereadores. Se elegeram o Isaque [Fonseca – PDT], o meu irmão Vanderlei [Barcelos - PT] e o Zoinho [Jorge de Oliveira – PDT] que também era uma liderança do movimento... vários se elegeram.

---

<sup>13</sup> Vagner Barcelos, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (1989-1992), novembro de 2005.

<sup>14</sup> O acidente ocorreu em Felizlândia, km 360 da BR 040 (Rio-Brasília), lugarejo próximo a Três Marias (MG). A viagem de Juarez tinha por objetivo a devolução do apartamento funcional a que fazia jus enquanto deputado federal. Alberto Vicente da Cruz, seu motorista, com fratura em duas costelas e cortes no braço, sobreviveu.

(...) É uma coisa que começa já a ir definindo as coisas. As coisas não aconteceram com a morte do Juarez, já vinham acontecendo antes. Quando o Juarez decide a se candidatar prefeito pelo PDT, a gente já tinha eleito um prefeito antes, que era o [Marino] Clinger [também pelo PDT], sob a influência do sindicato. Na eleição do Juarez, dá um divisor, a gente começa a ter brigas maiores dentro do sindicato, a ter discussões mais acirradas...<sup>15</sup>

Sob essa tensão interna, o Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda ingressava numa nova etapa de sua trajetória, que vale adiantar, seria marcada por incertezas, demissões e a cada vez mais concreta ameaça de privatização da CSN.

### **Desarticular, reestruturar, privatizar: Volta Redonda e a CSN dos anos 1990**

A década de 1990 se inicia com a reestruturação da CSN. Já nessa época, o processo de *saneamento* da Companhia, como fora chamado pelo governo federal e por Roberto Procópio de Lima Netto<sup>16</sup>, presidente da CSN (1990-1992) e idealizador do *plano de recuperação* da estatal, trouxe um considerável número de demissões. O objetivo era preparar a empresa para sua privatização. Seu efetivo de 22.000 funcionários em 1989 foi reduzido para 15.000 em 1993, atingindo os 9.000 em 1997.<sup>17</sup>

Aí vem a greve [1991], a primeira greve de uma siderúrgica no governo Collor, que foi o grande divisor de águas, foi o divisor mesmo, real. Foi o

---

<sup>15</sup> Vagner Barcelos, Novembro de 2005.

<sup>16</sup> Sobre a história da reestruturação da CSN, ver LIMA NETTO, 1993.

<sup>17</sup> SENGE, 1997.

seguinte: a empresa sabia que o sindicato estava rachado, isto notório, era visto. A empresa começou a se aproximar de alguns diretores... a coisa não tinha mais jeito, eu resolvi terminar a greve e terminei. Mas foi uma derrota, uma derrota desgraçada. Porque os operários além de não conquistarem qualquer acordo, perderam. Ultrapassou 30 dias a greve, aí perderam férias, perderam prêmio, perderam uma série de coisas. Eu não estava perdendo a liderança, eu tinha forte liderança, eu e meu grupo tínhamos uma forte liderança, mas estávamos perdendo o controle do sindicato e o controle da direção do movimento.<sup>18</sup>

Rapidamente, o que era a dissidência no interior do Sindicato dos Metalúrgicos tornou-se sua principal liderança. Favorável à privatização da CSN, o *formigueiro*, como se denominava o grupo, foi eleito já na primeira eleição que disputou em 1992. À frente de tal mudança estava Luiz de Oliveira Rodrigues, o *Luizinho*, antes militante de facções mais radicais da CUT, mesma central sindical que dominava o sindicato desde 1983. *Luizinho*, entretanto, desde que fora expulso da diretoria do SMVR, conquistara o apoio da central recém criada *Força Sindical*.<sup>19</sup>

Nós sabíamos que a privatização viria de qualquer maneira, que era determinação do governo. Por isso, achamos que seria muito mais prudente e prático que participássemos de todas as discussões, para garantir o direito dos trabalhadores e aposentados. Foi assim que conseguimos colocar vários itens no edital de privatização, viabilizar a compra de ações, com a fundação do nosso clube de investimentos e

---

<sup>18</sup> Vagner Barcelos, Novembro de 2005.

<sup>19</sup> Luizinho e mais 7 diretores tiveram sua expulsão da diretoria do SMVR aprovada pelos trabalhadores em uma assembléia realizada em agosto de 1991. A partir de então, o grupo auto-intitulado Formigueiro começa a se organizar visando a mediação das negociações entre trabalhadores e a direção da CSN, a preparação da chapa para as eleições sindicais de 1992 e a defesa da privatização da Companhia com a participação dos trabalhadores no processo. Para uma análise da formação do Formigueiro e da dinâmica política interna do SMVR entre os anos 1980 e 1990, ver PEREIRA (2007).

negociar melhores índices de reposição salarial no início do nosso mandato. Mas, se as lideranças de Volta Redonda, ao invés de ficarem apenas gritando contra, tivessem participado e pressionado durante o processo, teríamos conseguido maiores compensações para a cidade e região.<sup>20</sup>

No plano das reivindicações urbanas, por outro lado, as questões trazidas pela privatização da CSN fizeram com que muitos trabalhadores, lideranças e moradores da cidade lançassem seus olhares de forma diferente não só para o presente, mas para a própria história da companhia e de suas relações com a cidade.

Aliás, a CSN nos seus projetos de crescimento, ela nunca teve preocupação social. Quer dizer, ela trouxe 30 mil pessoas para fazer o estágio III, acabou o estágio III, ela abandonou as pessoas que foram para a periferia da cidade e favelizaram a cidade, do ponto de vista de que as pessoas não para aquela miséria que era o campo e ficaram aqui abandonadas... foi ela que provocou esse problema. Na privatização também: “eu quero vender e pronto! A cidade não é problema meu!”<sup>21</sup>

Ainda que muitos dos empregados da CSN tenham sonhado em ficar ricos com a privatização da companhia haja vista a reserva de ações destinada aos trabalhadores<sup>22</sup>, muitos deles amargaram o desemprego. Quanto às ações adquiridas, em sua maioria foram vendidas ou trocadas anos depois por casas do conjunto habitacional *Villa Rica*. Construído a partir de 1992, o

---

<sup>20</sup> Luiz de Oliveira Rodrigues, *Diário do Vale*, 21 de abril de 2002.

<sup>21</sup> Paulo Baltazar, prefeito de Volta Redonda (1992-1996), dezembro de 2004.

<sup>22</sup> Apesar de ter conseguido uma reserva de compra para até 20% das ações, o Clube de Investimentos CSN, cuja adesão final ficou em torno dos 30 mil membros, adquiriu somente 11,9% das ações da Companhia. De qualquer modo, isso conferiu aos trabalhadores dois assentos no conselho de administração da CSN até 1998.

empreendimento foi patrocinado pela Caixa Beneficente dos Empregados da Siderúrgica Nacional (CBS) e apoiado pelo sindicato dos metalúrgicos.

De certo modo, o destino do *Villa Rica* é representativo do padrão de relações que se estabeleceram nos anos 1990 entre a CSN privatizada e a cidade de Volta Redonda.

As casas foram construídas em aterros sobre terrenos pantanosos que cederam, causando as rachaduras nas paredes. A maioria dos mutuários é de empregados da CSN que adquiriram os imóveis com a venda das ações da empresa por ocasião da privatização da siderúrgica. Embora um engenheiro contratado pela Caixa afirmasse que o material empregado na construção fosse o exigido para imóveis de padrão médio popular, os laudos particulares feitos por técnicos contratados pela associação de moradores afirmam que as casas não passam do padrão inferior popular.<sup>23</sup>

Uma década e meia após o leilão da CSN e decorridos mais de 60 anos de sua fundação, é evidente que a empresa tenha diminuído sua presença no cotidiano dos trabalhadores e moradores de Volta Redonda. Entretanto, ainda é difícil se falar em uma perda significativa do poder da Companhia sobre a cidade. Ao se manter como maior empregador privado de Volta Redonda e principal base operária do Sindicato dos Metalúrgicos, a CSN permanece influenciando sobremaneira os rumos de trabalhadores e sindicalistas do Sul Fluminense.

### **Considerações Finais**

A década de 1990 de fato colocou novos desafios à indústria brasileira. A forma pela qual tal processo foi conduzido por governo e empresários afetou diretamente os trabalhadores seja no plano individual ou coletivo.

---

<sup>23</sup> Diário do Vale, 25 de Junho de 2003.

Ainda que o impacto das privatizações e da reestruturação das empresas tenha recaído principalmente sobre o nível de emprego e as conquistas passadas dos trabalhadores, diferentes experiências operárias mostraram uma variada gama de respostas para os dilemas trazidos pela chamada “abertura econômica”.

No Jacaré, os efeitos dessa política afetaram de forma incisiva a organização dos trabalhadores. Um bairro antes citado pelas manifestações operárias desfalece mediante o fechamento da maior parte das indústrias e da considerável perda de postos de trabalho. Se o movimento sindical em particular se desmobilizou, demonstrando a fragilidade do “bravo Jacaré”, outros caminhos foram construídos. Os moradores, operários ou não, continuam articulando a mobilização política, mesmo que em outras instituições e sobre outros parâmetros.

Volta Redonda, por sua vez, enfrentou os anos 1990 partindo de uma tradição organizativa e de uma longa história de articulação entre o Sindicato dos Metalúrgicos e os demais movimentos sociais e instituições presentes na “Cidade de Aço”. Ainda que os trabalhadores tenham participado do processo de privatização da CSN, isto não foi suficiente para impedir que a companhia privatizada se eximisse da relativa preocupação urbana e social apresentada no passado.

Em ambos os casos, os efeitos das transformações ocorridas na década de 1990 não deixaram de ser percebidos dentro e fora das fábricas, marcando as histórias de trabalhadores, sindicalistas e moradores destas duas importantes áreas industriais do Rio de Janeiro.

*Artigo recebido em setembro de 2008; aprovado em novembro de 2008.*

### Referências Bibliográficas

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de M. (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

ARBIX, Glauco. *Uma aposta no futuro: a experiência da Câmara Setorial Automobilística*. São Paulo: Scritta, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização e conseqüências humanas*. Cap. 2. Guerras espaciais: informe de carreira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOURDIEU, Pierre. “O espaço dos pontos de vista”. In: BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1977, 3ª ed.

CARDOSO, Adalberto. *Trabalhar, verbo transitivo*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

COSTA, Célia M. L., PANDOLFI, Dulce C. e SERBIN, Kenneth (org.). *O Bispo de Volta Redonda: memórias de Dom Waldyr Calheiros*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

DIEESE – Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. *Política Industrial no Brasil: o que é a nova política industrial – Nota Técnica*, Número 11 – Dezembro, 2005.

FONTES, Paulo. *Comunidade Operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2002.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HOBSBAWM, Eric. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LASK, Tomke Christiane. *Ordem e progresso: a estrutura de poder na “cidade operária” da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda (1941 – 1964)*. Dissertação de mestrado. PPGAS/UFRJ, 1991.

LEITE, Márcia de P. *Trabalho e sociedade em Transformação*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003.

MOREL, Regina Lúcia M. *A ferro e fogo. Construção e crise da "família siderúrgica": o caso de Volta Redonda (1941-1968)*. Tese de doutorado. Departamento de Sociologia da FFLCH/USP. São Paulo, 1989.

PADILHA, Marcos L. A Indústria de embalagens. In: *Panorama Setorial*. São Paulo: Gazeta Mercantil, 1998. v.I; v.II; v.III; v.IV e v.V.

PEREIRA, Sérgio Martins. *Sindicalismo e privatização: o caso da Companhia Siderúrgica Nacional*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia – UFRJ, 2007.

RAMALHO, José Ricardo e SANTANA, Marco Aurélio. "Tradição sindical e as mudanças econômicas dos anos 1990: o caso dos metalúrgicos do Rio de Janeiro". In: RAMALHO e SANTANA (org.). *Trabalho e tradição sindical no Rio de Janeiro: a trajetória dos*

*metalúrgicos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SANTOS, Boaventura de S. "Notas sobre a história jurídico-social de Pasárgada". In: Cláudio Souto & Joaquim Falcão (org.). *Sociologia e Direito*. São Paulo: Editora Pioneira, 1980.

SAVAGE, Mike. "Classe e História do trabalho". In: BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; e FORTES, Alexandre (org.). *Culturas de classe*. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

SENGE – Sindicato dos Engenheiros de Volta Redonda. *O Peso da Realidade*, 1997.

THIAGO, Cristiane M. *Rio de Janeiro Operário: Memória dos Trabalhadores do bairro do Jacaré*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO, 2007.

## Outros

*Diário do Vale*. Jornal regional diário fundado em Volta Redonda em 1992 (1992-2007).

**Relatório do Programa de  
Desenvolvimento Local (PDEL).**

Documento produzido pelo Serviço de Estudos e Realização Empresarial Social (SERE), entidade alemã que de assistência a comunidades carentes em países como o Brasil.  
s/d.